

MEIO IMPRESSO OU DIGITAL? ANÁLISE DE REPORTAGEM DA REVISTA VEJA SAÚDE À LUZ DOS SIGNIFICADOS DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

PRINT OR DIGITAL MEDIA? REPORT ANALYSIS OF THE VEJA SAÚDE MAGAZINE IN LIGHT OF THE MEANINGS OF THE VISUAL DESIGN GRAMMAR

Denise Ferreira dos SANTOS¹

Renato Caixeta da SILVA²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal comparar as versões impressa e digital da reportagem *Reconnecte-se com a comida*, veiculada pela revista *Veja Saúde*, em setembro de 2020. Em tempos de isolamento social, as pessoas foram obrigadas a permanecer mais em casa, o que pode ter intensificado, em muitos lares, o consumo de informações por meios digitais. A relevância social da pesquisa é justificada pela importância do “pensar” sobre as semelhanças e disparidades existentes entre leitura em meio impresso e leitura em meio digital. Para o estudo, foram investigados comparativamente os significados composicionais à luz da Gramática do Design Visual – de Kress e Van Leewen, abrangendo concepções sobre os possíveis percursos de leitura e o papel da imagem. Os resultados evidenciaram que a composição pode interferir na leitura do observador, tendo em vista o meio de veiculação da informação. Dessa forma, pôde-se comprovar a hipótese inicial, uma vez que a trajetória de leitura do espectador é direcionada pelo uso que se faz, sobretudo, das saliências, da moldura e do valor da informação. Enquanto a versão digital tende a uma leitura mais linear, a versão impressa pode direcionar para uma sequência não linear.

¹ Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: denisefs_op@yahoo.com.br.

² Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Docente Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: rencaixe@yahoo.com.br.



PALAVRAS-CHAVE

Significados Compositivos; Impresso; Digital; Pandemia.

ABSTRACT

The main objective of this article is to compare the print and digital versions of the report Reconnect yourself with food, published by the magazine *Veja Saúde*, in September 2020. In times of social isolation, people were forced to remain longer at home, which may have intensified, in many homes, the consumption of information by digital means. The social relevance of the research is justified by the importance of “thinking” about the similarities and disparities that exist between reading print and reading digital. For the study, the compositional meanings were investigated comparatively in light of the Grammar of Visual Design - by Kress and Van Leeuwen, covering conceptions about the possible paths of reading and the role of the image. The results made clear that the composition can interfere with the observer’s reading, considering the means of dissemination of information. In this way, it was possible to prove the initial hypothesis, since the viewer’s reading trajectory is guided by the use made, above all, of the saliences, the frame and the value of the information. While the digital version tends to read more linearly, the print version can lead to a non-linear sequence.

KEYWORDS

Compositional Meanings; Print Media; Digital; Pandemic.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal comparar as versões impressa e digital de uma mesma reportagem da revista *Veja Saúde*, intitulada *Reconecte-se com a comida* (2020), verificando os diferentes percursos de leitura possíveis e o papel que a imagem exerce na análise e interpretação de cada uma das variantes do *corpus* descrito.

Observa-se a manifestação dos significados compositivos a partir do contexto apresentado, sob o viés teórico da Gramática do Design Visual.



Como hipótese, parte-se do pressuposto de que a composição pode interferir na leitura do observador, além de, possivelmente, estar relacionada ao meio de veiculação do texto – impresso ou digital.

Almeja-se analisar componentes visuais que produzem significados e um discurso capaz de moldar opiniões, modos de agir, fazer, sentir e se comportar individualmente e, também, perante a sociedade.

O tema é extremamente atual, em virtude da extensa pandemia de Covid-19 (coronavírus). Em tempos de isolamento social, as pessoas foram obrigadas a permanecer mais em casa, o que pode ter intensificado, em muitos lares, o consumo de informações por meios digitais, como é o caso de reportagens de revista, por exemplo. Além disso, já no mérito do tema da reportagem descrita, ficar em casa significou, em diversos casos, cozinhar mais e ter mais tempo e disposição para pensar sobre os alimentos. A mudança de paradigma pode ter aprofundado a reflexão sobre o que comemos e como nos alimentamos. E, sobretudo, de que a mídia exerce importante função na abordagem do tema para a formação de opinião.

Fiquem em casa. A mensagem, reforçada à exaustão pela OMS durante a escalada do coronavírus, ecoou em nossos ouvidos e nos quatro cantos do planeta. Embora o isolamento social não tenha pegado 100% por aqui, boa parcela da população acabou permanecendo muito mais tempo dentro do próprio lar. (...) Nessa viagem interna, hábitos foram repensados e novas atitudes despontaram. E a cozinha se destacou como um dos grandes palcos de transformações. (MANARINI, 2020, p.25).

A relevância social da pesquisa é justificada pela importância do “pensar” sobre as semelhanças e disparidades existentes entre leitura em meio impresso e leitura em meio digital. Em um contexto de pandemia, tal característica, já enraizada em virtude da evolução tecnológica moderna,



acentua a necessidade da discussão a respeito da temática. Há que se evidenciar o papel que a comida/alimentação representa na vida das pessoas: um lugar de destaque (de sobrevivência e, em certos casos, de amor e/ou ódio).

Este artigo está organizado da seguinte maneira: introdução, na qual constam objetivos, hipótese, justificativa, motivações e contextualização a respeito do assunto. Em seguida, referencial teórico pautado na Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen. Logo depois é descrita a metodologia, com o detalhamento do estudo das versões impressa e digital da reportagem da revista escolhida. Parte-se, então, para a análise dos dados – com base nos objetivos e na metodologia –, além das considerações finais.

1. APONTAMENTOS DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

A partir da teoria oriunda da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), com base nas metafunções assinaladas por Halliday e Matthiessen (2014), Kress e Van Leeuwen (2006) elaboraram a Gramática do Design Visual (GDV). Para tais autores, da mesma forma que as gramáticas da língua apontam a forma como as palavras unem frases, sentenças e textos, a gramática de cunho visual pode descrever a maneira como os elementos representados interagem entre si em sentenças visuais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

O desenvolvimento da gramática, para Kress e Van Leeuwen (2006), leva em consideração o destaque ocupado pelas imagens na construção de textos, isto é, trata-se de uma ferramenta pela qual é viabilizada a possibilidade de interpretação de significados além dos aspectos unicamente verbais, diante do contexto comunicacional ao



qual estão inseridos, o que abrange, ainda, características culturais e históricas específicas. Isso porque as estruturas visuais configuram interpretações particulares tanto da experiência humana (metafunção ideacional) quanto da interação social (metafunção interpessoal), manifestados, verbal ou visualmente, por distintos modos semióticos usados simultaneamente e com funções complementares – este é o conceito de multimodalidade (SANTOS, 2017).

O *corpus* do presente artigo engloba uma reportagem de revista apresentada em duas versões: impressa e digital. Dessa forma, incluem elementos verbais, gráfico-visuais e imagéticos que, juntos, vão dar acesso a uma gama de significados construídos, a partir de uma estrutura multimodal.

Kress e Van Leeuwen (2006), em *Reading images: the grammar of visual design*, elencam a noção de **enquadramento**, por eles denominado *framing*, como:

à maneira pela qual os elementos de uma composição visual podem ser demarcados ou desconectados uns dos outros a partir de alternativas, como linhas de moldura, espaços entre elementos (texto e imagem), formas visuais, vetores, diferenças/contrastes entre cores, entre outros. De acordo com os autores, os elementos desconectados são lidos como independentes e, de certo modo, contrastantes com os demais dados, enquanto os conectados pertencem ao mesmo grupo na cadeia de significados (SANTOS, 2017, p.65)

Desse modo, tendo em vista a noção de que as proposições da Linguística Sistêmico-Funcional servem como diretrizes para outros modelos semióticos, Kress e Van Leeuwen (2006) utilizam as metafunções de Halliday para análise de imagens no escopo da Gramática do Design Visual. Tem-se, na GDV, a designação das metafunções ideacional, interpessoal



e textual, respectivamente, como significados **representacionais**, **interacionais** e **composicionais**.

Este artigo pretende focar a análise nos **significados composicionais**, uma vez que, conforme pontuado na Introdução, parte-se da hipótese de que a composição pode ser capaz de direcionar o percurso de leitura do observador, de acordo com o meio de veiculação do texto – aqui representados pelos modos impresso e digital. Dessa forma, os conceitos relacionados aos significados representacionais e interacionais serão dispostos, a seguir, de forma sucinta.

Os significados representacionais são derivados da metafunção ideacional. Esta, por sua vez, está relacionada diretamente à concepção de que um modo semiótico de qualquer espécie necessita estar apto a representar a experiência humana, ou seja, simular objetos e suas relações com demais objetos, em um processo de interação. Os significados representacionais podem ser desenvolvidos por intermédio de estruturas narrativas ou conceitos. As primeiras representam ações e eventos, e estão divididas em categorias de processos narrativos, conforme o número de participantes elencados e os tipos de vetores existentes: de ação, de reação, verbal/mental, de conversão e de simbolismo geométrico. Já os conceitos engendram participantes em termos de classe, estrutura e significado, a partir da relação de taxonomia entre eles – e podem ocorrer através de três processos: classificação, analítico ou simbólico.

Os significados interacionais derivam das proposições teóricas da metafunção interpessoal. Tal função, como o próprio nome diz, está referendada nas relações entre os participantes representados nas imagens e composições visuais – que podem ser pessoas, lugares e/ou coisas – e os participantes interativos, isto é, ligados aos observadores/leitores e aos



produtores da informação, que se correlacionam. Existem três dimensões para interpretação dos significados interpessoais, quais sejam: contato, distância social e atitude (SANTOS, 2017).

2. SIGNIFICADOS COMPOSICIONAIS E PERCURSOS DE LEITURA

A metafunção textual, última derivada da Linguística Sistêmico-Funcional, é intitulada, na GDV, sob a nomenclatura de significados composicionais. Implica, pois, na forma pela qual as estruturas de interação e de representação são interligadas, elencadas e conectadas. Os sistemas que a compõem são: valor da informação, saliência e enquadramento, ou moldura. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), os parâmetros composicionais são passíveis de emprego tanto em imagens quanto em combinações verbo-imagéticas de cunho visual, como é o caso da reportagem analisada neste trabalho. Tal característica é justificada pela teoria, a qual explicita que o significado é interpretado a partir da integração entre modos semióticos em uma perspectiva multimodal e simultânea (SANTOS, 2017).

O valor da informação delimita a posição dos elementos e os valores que ocupam na imagem, de acordo com as zonas esquerda/direita, superior/inferior e centro/margem (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Quando a estruturação da informação tem o caráter esquerda/direita, isto é, os elementos da imagem apresentam disposição horizontal, tem-se a demarcação polarizada (sem elementos centralizados) denominada **Dado-Novo**. A parte esquerda corresponde ao **Dado**, ao que já é conhecido, isto é, algo que o leitor, supostamente, tem conhecimento ou faz parte do senso comum. Já no lado direito é sistematizado o **Novo**, a informação que o leitor precisa



ficar mais atento, pois ainda não é de seu conhecimento e, portanto, pode ser contestada (ou não) a partir de análise minuciosa.

Kress e Van Leeuwen (2006) argumentam que tal estrutura é ideológica, uma vez que o ponto de vista (ou valor) apresentado pelo produtor pode não coincidir com o do leitor, o qual é passível de rejeitá-la em sua interpretação particular. Eles acrescentam que o valor informacional “Dado-Novo” é originário de culturas ocidentais, nas quais a orientação da leitura é feita da esquerda (Dado) para a direita (Novo). (SANTOS, 2017, p.75)

Por sua vez, quando a estruturação da informação tem posição vertical, apresenta-se a demarcação polarizada **Ideal-Real**. O **Ideal** está na parte de cima e refere-se à idealização de uma atividade, ao que faz parte do imaginário e do campo da emoção, algo que pode ou não ser concretizado. Já a parte inferior compõe o **Real**, o parâmetro informativo do layout ou imagem, isto é, o mundo real, com dados concretos e realistas.

Kress e Van Leeuwen (2006) demonstram que, em uma página, se o conteúdo textual é inserido na parte superior e as imagens, abaixo, o texto terá o papel ideológico de protagonista da estrutura, ao passo que a imagem exercerá função secundária (complementar). Ao contrário, se as imagens são posicionadas no topo, a situação se inverte e o “Ideal” é comunicado visualmente, em primeiro plano, e o texto serve para detalhar, ou explicar, a mensagem visual. (SANTOS, 2017, p.76)

A terceira opção de estruturação da informação, denominada **Centro-Margem**, está presente quando há um elemento no centro da página que é envolvido por elementos marginais. Ao centro, tem-se, então, o núcleo da informação em destaque; e, nas margens, elementos que são dependentes do central, auxiliares e com menos destaque. Kress e Van Leeuwen (2006)



salientam, por sua vez, que pode haver casos em que, simultaneamente, são encontradas as três estruturas de valor da informação em uma mesma imagem ou composição visual.

Ainda dentro dos significados composicionais, tem-se a saliência como um dos sistemas existentes. Tal configuração pode ser entendida como sinais utilizados para atrair a atenção do leitor para determinados elementos. Kress e Van Leeuwen (2006) dão alguns exemplos dessas **pistas visuais**: contraste de cores, tons, brilhos, espaços vazios, uso de perspectiva, variantes de nitidez, tamanho menor ou maior de elementos numa mesma composição, embaçamento, entre outras possibilidades. O uso da saliência tem a função de determinar certa hierarquia entre os elementos, isto é, cada representação terá maior ou menor grau de importância. Por último, tem-se o enquadramento, ou moldura. Este pode ser interpretado como a utilização ou não de artifícios para conexão ou desconexão de elementos dentro de uma imagem ou composição visual, como linhas, quadros, vazios e cores. Quanto maior o enquadramento, mais os elementos estarão desunidos e separados; ao contrário, quanto menor a moldura, mais alinhamento e conexão entre os elementos a partir de um núcleo central. (SANTOS, 2017).

A saliência é um elemento que merece destaque neste artigo. Isso porque, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), é ela quem “define a trajetória de leitura da página, iniciando do elemento mais saliente e, de forma decrescente, deslocando para o menos saliente” (CARVALHO, 2012, p. 70). Quanto aos percursos de leitura possíveis, é possível ressaltar que existem várias possibilidades, como circular, diagonal, espiral, entre outros (VERDE, 2017).



Kress e Van Leeuwen (2006, p.205) ressaltam que a atenção que o espectador atribui a uma saliência em uma composição é culturalmente determinada e que os membros de grupos culturais diferentes hierarquizam as saliências de maneira diversa, criando a possibilidade de caminhos de leitura diferentes (VERDE, 2017, p.85).

Ainda segundo os autores, os textos lineares fazem com que o observador não tenha escolha de um caminho específico de leitura, uma vez que os elementos já se apresentam em uma ordem determinada, com sequência e conexão pré-estabelecidas. Já em uma composição não linear, os destaques (saliências) e a sequência dos elementos – centro/margem; esquerda-direita; superior/inferior – são definidos pela vontade e pela percepção do leitor. Há que se pontuar, no entanto, que sempre existe uma intenção do produtor, isto é, a ordem dos elementos não é necessariamente aleatória. É a partir desse ponto de partida, ou referência, que o leitor seleciona seu percurso de leitura (VERDE, 2017). “Nessa perspectiva, podemos entender que textos lineares e não lineares são dois modos de leitura e dois regimes de controle do significado” (VERDE, 2017, p.86).

Os significados composicionais explicitados ao longo deste referencial teórico – derivados da metafunção textual da Linguística Sistêmico-Funcional – serão utilizados adiante para a análise comparativa das edições impressa e digital da revista constituinte do *corpus*, conforme escopo metodológico do capítulo que se segue.

3. TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O *corpus* de análise é composto por uma reportagem da revista *Veja Saúde*, de setembro de 2020 (edição 459), apresentada em duas



versões: impressa e digital³. A reportagem tem como título *Reconecte-se com a comida* e trata da temática da relação com a comida no contexto da pandemia do coronavírus.

A pesquisa se encaixa no paradigma qualitativo, tendo como procedimento de coleta de dados a Análise do Discurso (AD). Como método de análise, serão investigados comparativamente os significados composicionais (metafunção textual) nas duas versões da reportagem da revista mencionada, abrangendo concepções sobre os percursos de leitura possíveis e o papel da imagem nos modos impresso e digital, a partir dos pressupostos teóricos de Kress e Van Leeuwen (2006). Para efeitos de comparação, serão selecionados recortes de ambas as versões, os quais se apresentam, esquematicamente, em propostas visuais semelhantes. O detalhamento da análise está descrito na seção a seguir.

4. IMPRESSO E DIGITAL: POSSÍVEIS LEITURAS E O PAPEL DA IMAGEM

Inicialmente, é necessário pontuar que a relação de conteúdo entre imagem e texto escrito é idêntica nas versões impressa e digital, isto é, o que está presente em uma também está presente em outra.

A versão digital tende a um texto mais linear, isto é, os elementos já se posicionam em uma ordenação determinada. O observador inicia a sua leitura a partir de uma sequência estabelecida no site, não há como mudar os elementos de local. As conexões, dessa forma, já foram escolhidas pelo produtor.

³ Link para a versão digital: <https://saude.abril.com.br/especiais/reconecte-se-com-a-comida/> (Edição 459/2020).



Figura 1 – Reportagem na versão digital (parte 1)

Fonte: <https://saude.abril.com.br/especiais/reconecte-se-com-a-comida/>

RECONECTE-SE COM A COMIDA

Uma alimentação saudável também é um modo de viver. Há oportunidades para melhorar, de uma vez por todas, suas relações com a comida.

Por Vera Mendes de Freitas

“Comer não é uma tarefa fácil, mas é essencial para a saúde. Quando a gente não se conecta com a comida, a gente não se conecta com a vida.”

“Quando não se conecta com a comida, a gente não se conecta com a vida.” Essa é a mensagem que a nutricionista pela Universidade de São Paulo (USP) quer transmitir em seu artigo sobre alimentação saudável. Segundo ela, a população brasileira tem uma relação muito distante da comida. Além disso, no Brasil, há uma preocupação com a saúde que não é acompanhada por uma preocupação com a alimentação. Ela afirma que a alimentação é um dos pilares da saúde e que, quando não se conecta com a comida, a gente não se conecta com a vida. Ela também menciona a importância de se conectar com a comida e de não se preocupar apenas com a aparência física. Ela cita a importância de se conectar com a comida e de não se preocupar apenas com a aparência física. Ela cita a importância de se conectar com a comida e de não se preocupar apenas com a aparência física.



Percebe-se, pela Figura 1, que a imagem presente na parte inicial da reportagem está na posição superior da página, ao passo que o texto encontra-se na parte inferior. Infere-se, nesse sentido, que existe uma demarcação vertical do tipo **Ideal-Real**. Nela, a imagem aparece em primeiro, isto é, o **Ideal** é comunicado visualmente (a imagem). A mensagem visual pode ser a de que as pessoas necessitam se conectar (ou reconectar) à comida, o que seria o ideal e o mais indicado, segundo a revista. Isso porque há o simbolismo de um cabo conector ao prato, semelhante a um carregador de celular, por exemplo. Já o **Real** é o texto que surge logo na parte inferior, que serve para explicitar o que foi informado pelo conteúdo visual. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Ainda que a imagem da Figura 1 atinja posição de destaque a partir de um eixo vertical, pode-se observar que, na versão digitalizada, ela não ocupa o centro das atenções, isto é, além de ser pequena (em comparação com a versão impressa), o que salta aos olhos é a mensagem textual – título e texto da reportagem.

Como a versão digital suscita uma leitura mais linear, uma pessoa que está sentada em frente a um computador, por exemplo, vai abrir a reportagem e pode seguir alguns caminhos: ler a matéria na íntegra, conforme foi apresentada visualmente e com a sequência já pré-estabelecida; ler alguns trechos a partir da rolagem da tela, ainda assim com uma sequência pré-estabelecida oriunda da leitura linear; não ler por não se interessar pelo tema; ou, quem sabe, desistir da leitura, uma vez que, se não é uma estrutura que permite leitura não linear, interfere na motivação e no interesse do espectador em relação ao que está sendo apresentado. Percebe-se, desse modo, que o aspecto composicional chama atenção e, por sua vez, é determinante para a definição do percurso de leitura.



Figura 2 – Reportagem na versão impressa (parte 1)



Fonte: Revista Veja Saúde, edição 459, setembro/2020

Já a Figura 2 estampa também a primeira parte da reportagem, desta vez na versão impressa. Nela, é possível visualizar a imagem na página à esquerda e, o texto, logo em seguida na posição à direita. O valor da informação tem como estruturação, assim, a demarcação horizontal da espécie **Dado-Novo**. No contexto do **Dado**, tem-se a informação que já é de conhecimento do leitor (ou faz parte do senso comum), característica que pode ser comprovada pela mensagem abaixo do título: “Nos últimos meses, tudo mudou... até a relação com os alimentos!” (MANARINI, 2020, p.24). Parte-se do pressuposto de que o leitor já sabe que a vida está (ou estava) um pouco diferente durante a pandemia, isto é, ações e atitudes podem ter sido alteradas neste período. A imagem merece destaque, já que está no

campo do **Dado**, o que pode significar que a sociedade está alerta quanto à reconexão com a comida no contexto apresentado (vide o cabo conectado). No campo do **Novo**, à direita, posiciona-se o texto: trata-se da informação que o leitor ainda não tem conhecimento. Nela, o produtor do texto vai elencar os motivos pelos quais é necessário se reconectar com a comida. A informação nova é aquela, segundo Kress e Van Leeuwen (2006), passível de ser contestada pelo leitor, a partir de suas convicções e ponto de vista.

Figura 3 – Reportagem na versão impressa (parte 2)

1 ALIMENTE-SE COM CONSCIÊNCIA

Comida não é apenas nutrição, ela é um ato político de escolha, de conexão com o mundo. Ela é um ato de amor, de cuidado, de respeito. Ela é um ato de resistência. Ela é um ato de conexão com o mundo. Ela é um ato de amor, de cuidado, de respeito. Ela é um ato de resistência. Ela é um ato de conexão com o mundo.

2 ENVOLVA A FAMÍLIA NA COZINHA

A participação ativa dos filhos na cozinha é uma ótima maneira de ensinar sobre nutrição e hábitos saudáveis. Envolver a família na cozinha é uma ótima maneira de ensinar sobre nutrição e hábitos saudáveis.

ATENÇÃO AO COMER

Atenção ao engasgo Cabe evitar as pedras e outros objetos que possam causar engasgo. Não comer com o celular na mão e evitar beber líquidos quentes.	Comida atópica Evitar alimentos que possam causar alergia, como leite, ovos, trigo e soja. Evitar alimentos que possam causar intolerância, como lactose e glúten.	Trague lentamente Comer devagar e mastigar bem a comida. Evitar comer enquanto se distrai com o celular ou a televisão.	Quase não comemos Evitar alimentos que possam causar problemas de saúde, como alimentos muito gordurosos e muito salgados.	Trabalhe nos flancos Fazer exercícios físicos regularmente para manter o corpo saudável e evitar problemas de saúde.	Prepare a ambiente Manter o ambiente limpo e organizado. Evitar comer em locais muito barulhentos ou com muita distração.
--	--	---	--	--	---

TEMAREIS PARA TODAS ASIDADES

2 a 4 anos Evitar alimentos que possam causar alergia, como leite, ovos, trigo e soja. Evitar alimentos que possam causar intolerância, como lactose e glúten.	5 a 6 anos Comer alimentos saudáveis e nutritivos. Evitar alimentos que possam causar problemas de saúde, como alimentos muito gordurosos e muito salgados.	7 a 10 anos Comer alimentos saudáveis e nutritivos. Evitar alimentos que possam causar problemas de saúde, como alimentos muito gordurosos e muito salgados.	11 a 18 anos Comer alimentos saudáveis e nutritivos. Evitar alimentos que possam causar problemas de saúde, como alimentos muito gordurosos e muito salgados.
--	---	--	---

Fonte: Revista Veja Saúde, edição 459, setembro/2020

Após o texto introdutório no primeiro trecho da reportagem, com alguns elementos visuais aqui analisados, a autora parte para dicas úteis relativas à temática principal do texto. “A pandemia instigou certas



reflexões e pavimentou a estrada para mudanças. A seguir, elencamos as oportunidades para despertar uma (re)conexão com a comida” (MANARINI, 2020, p.25). O que se segue, em ambas as versões – digital e impressa – são 11 dicas e orientações para o leitor. Para efeitos de análise, será realizado um recorte das duas primeiras dicas na versão impressa, dispostas em páginas duplas. Isso porque cada página dupla apresenta-se, esquematicamente, em modelos visuais similares. Dessa forma, a análise de um único modelo esquemático da revista impressa servirá para embasar os demais. Prática semelhante será utilizada na versão digital, visto que, por apresentar leitura linear, o conteúdo está disposto em blocos de maneira similar, ao longo das dicas apresentadas pela autora do texto.

Primeiramente, ressalta-se o valor da informação na página apresentada na Figura 3, referente à versão impressa. Tem-se uma demarcação não polarizada do tipo **Centro-Margem**. Nela, existe uma imagem de caráter simbólico posicionada ao centro da página – traduzida como o núcleo, a informação mais importante e, portanto, mais salientada –, envolvida por elementos **marginais**, ou seja, menos ressaltados, mas auxiliares e dependentes do núcleo central (neste caso, a imagem).

Os elementos marginais englobam as dicas e orientações mencionadas anteriormente, divididas em números (na Figura 3, representadas por 1 e 2) e dispostas em formato de texto verbal, com pequenos espaços vazios ao redor. Há, ainda, quadros com informações destacadas e, portanto, emolduradas. O uso de linhas de divisão, espaços em branco e quadros para separação de conteúdos caracteriza um grau maior de emolduramento, o que faz com que haja desconexão entre os elementos representados na composição visual.



Figura 4 – Reportagem na versão digital (parte 2)

Fonte: <https://saude.abril.com.br/especiais/reconecte-se-com-a-comida/>

1- Alimente-se com consciência

Cynthia nota que, na fase pré-coronavírus, vivíamos em um circuito frenético de trabalhos, cuidados com a casa, compromissos sociais e viagens. No meio disso, a alimentação muitas vezes ocorria às pressas, como se fosse mais uma tarefa a ser completada – um convite para escolhas desbalanceadas. Aí veio o hiato causado pela pandemia.

“Passamos a ter mais tempo e curiosidade para cozinhar”, avalia. E esse é um processo que incita outras atitudes bem-vindas: há o planejamento das refeições de acordo com gostos pessoais e um foco nos ingredientes da compra ao uso. Sair do piloto automático traz equilíbrio às decisões e faz a degustação ganhar novo sentido, tornando-se mais saborosa -- o que, em última instância, favorece a saciedade.

Até quem não curte cozinhar, mas vislumbra uma rotina saudável, pode comer com maior atenção (e sem culpa). Hoje, há uma imensa variedade de restaurantes e empresas que fornecem **cardápios mais saudáveis**. “Não aja impulsivamente, olhando só as fotos de pratos em aplicativos. Tem que pesquisar e pensar”, diz a nutricionista Magda Ramos da Cruz, da **Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)**.

Atenção ao comer

Os preceitos do mindful eating, conceito que favorece uma refeição mais focada e equilibrada

Análise as opções

Olhe todos os pratos servidos e planeje as combinações que deseja fazer. Em paralelo, avalie sua fome, de 0 a 10. Sirva-se, pense na origem da comida e agradeça. Sinta cada garfada.

Curta a situação

Escolha um tema para a refeição. Divirta-se elaborando receitas e descobrindo curiosidades sobre os pratos. Se tiver convidados, vende os olhos deles e faça-os imaginar os ingredientes.

Troque impressões

Ao escolher um vinho, por exemplo, analise o rótulo, a uva, a procedência e a data de fabricação. Compartilhe a experiência com outra pessoa, debatendo sobre aromas e sabores da bebida.

Ouse nas compras


Vá ao supermercado com a cabeça de principiante, escolhendo um ingrediente novo em cada parte da lista, como uma fruta que não costuma comprar ou uma verdura que nunca experimentou.

Trabalhe sua fissura

Pegue o alimento que tira você do eixo, coloque uma música e observe-o atentamente. Escreva o que vem à sua mente. Consuma de pouco em pouco, avaliando a fome, a saciedade e o desejo.

Prepare o ambiente

Crie rituais. Arrume uma mesa bonita, com pratos especiais e jogos americanos. Largue as panelas no fogão. Mantenha o celular longe e desligue a televisão. Permita-se esse vínculo.



Na hora das refeições, deixe o celular desligado. A única conexão válida nesse instante é com a comida

Foto: Tomaz Arruiz / Moment. By Foto e Mídia Pro/SRUCE e VITAL



**Figura 5 –
Reportagem
na versão
digital (parte 3)**

Fonte: <https://saude.abril.com.br/especiais/reconecte-se-com-a-comida/>

2- Envolve a família na cozinha

A nutricionista especializada no atendimento de **crianças** Fernanda Monteiro, de Brasília, tem percebido dois fenômenos diferentes em relação aos pequenos. Há famílias que estavam mais habituadas à compra de itens ultraprocessados (macarrão instantâneo, bolachas, salgadinhos, **refrigerantes** e companhia) e, agora, por causa do acesso livre a esses alimentos e do sedentarismo em alta, viram a criançada ganhar peso.

Já a parcela de pais que desbravaram a cozinha acabou, mesmo sem querer, estimulando os filhos a terem maior contato com a comida de verdade — a molecada enxerga os ingredientes, às vezes os manipula e, durante a preparação, sente o cheirinho que sai das panelas. “Elas aprendem do que as receitas são feitas”, nota Fernanda.

Instigar meninos e meninas a participarem do processo que engloba se alimentar — da ida à feira ao preparo — é uma das táticas mais clássicas para melhorar a composição de seu prato. Com as aulas presenciais suspensas, essa pode ser a chance de colocá-la em prática. Segundo Fernanda, nunca é tarde para reestruturar a dieta dos filhos — mesmo adolescentes. “O essencial é a família toda entrar no jogo.”

Tem tarefa para todas as idades

Fernanda Monteiro dá ideias de funções na cozinha da infância à adolescência

2 a 4 anos

Eles são capazes de regar plantas, buscar **frutas e verduras** na fruteira e também comer sozinhos. Podem ainda lavar os vegetais e distribuir ingredientes em travessas.

5 a 8 anos

Conseguem descascar alguns alimentos (como banana e mexerica), misturar e medir ingredientes, temperar receitas, guardar as compras e arrumar a mesa para a refeição.

9 a 12 anos

Confie neles para usar o fogão e o micro-ondas — com supervisão — e auxiliar mais de perto no preparo de algumas refeições. Peça seus palpites para definir o cardápio.

13 a 16 anos

Já conseguem preparar sozinhos algumas de suas refeições e podem lavar a louça vez ou outra. Também aprendem o que fazer caso ocorra algo errado ou algum acidente na cozinha.



Com relação ao enquadramento (ou moldura) na versão digital, tem-se, a partir da observação da Figura 4, certa ausência de ferramentas para conexão dos elementos na reportagem: não há linhas, caixas e quadros separando os conteúdos temáticos do texto. Ele se apresenta, assim, em um único bloco sequencial. O que difere um assunto de outro é o uso de entretítulos e tópicos em negrito. Isso pode ser mais facilmente apreendido por meio da comparação com a versão impressa. Pela Figura 3, é possível perceber, como já citado no parágrafo anterior, o uso de quadros para separar a temática principal das temáticas secundárias e complementares. Enquanto na versão digital, os entretítulos “Atenção ao comer” (Figura 4) e “Tem tarefa para todas as idades” (Figura 5) estão sem moldura e listados sequencialmente, de cima para baixo, em um bloco vertical e linear, na versão impressa tais temáticas surgem envoltas em quadros/boxes complementares. Dessa forma, a versão impressa permite uma leitura não linear, isto é, o observador pode iniciar seu percurso por vários caminhos diferentes: pelos quadros, pelos números, pela imagem, por exemplo. Uma vez que, no impresso, as informações complementares estão mais desconectadas do restante do texto por meio de molduras, cabe ao leitor escolher o ponto de partida para a sua observação. Em resumo, destaca-se que a versão digital sugere menor moldura, isto é, com elementos mais alinhados e conectados; ao passo que a versão impressa tem maior enquadramento, ou seja, com elementos desunidos e separados.

Com relação ao sistema de composição representado pela saliência, a versão impressa (Figuras 2 e 3) carrega alguns traços a serem analisados. O primeiro deles é o tamanho acentuado da imagem na página. Conforme Kress e Van Leeuwen (2006), em tese, quanto maior a saliência, mais destaque é atribuído a um elemento em uma composição visual, o que pode, consequentemente,



atrair grau maior de atenção do observador. Uma vez que, como já visto, tem-se a demarcação **Centro-Margem** na Figura 3, sendo a imagem o núcleo principal, os conteúdos a ela associados na composição tendem a complementá-la, secundariamente. Além dessa característica, pode-se observar também o uso de fontes em negrito – os números referentes às dicas, por exemplo, variando de 1 a 11 – e alguns espaços em branco entre a imagem e o conteúdo textual. De fato, a saliência é mais representativa na imagem, propriamente dita: o uso de cores fortes nos ingredientes dos pratos, aliado a fundos sempre rosados, contrasta fortemente com o fundo branco da página, conferindo ainda mais destaque à mensagem visual.

A versão digital já não salienta a imagem como na impressa. Vê-se, pela Figura 4, que o conteúdo textual é inteiramente inserido em primeiro plano. Com a rolagem para baixo, o bloco de texto fica praticamente limitado a uma camada única e conectada, sem a presença de muitos elementos de moldura, como é o caso da versão impressa, com linhas e quadros divisórios de conteúdo. O que se tem, de saliência aparente na composição, é o uso de cor de fundo para separação entre uma dica (representada por um número) e outra: ora fundo colorido, ora fundo branco. Nesse sentido, a imagem surge ao final de cada bloco, como elemento secundário e reduzido em tamanho. Outra característica que pode ser observada é que o mesmo conteúdo que na versão impressa é separado por boxes desconectados do texto principal e tende a chamar mais atenção, na versão digital é apresentado de modo linear, dentro de uma conexão uniforme e sem emolduramento.

Com base na saliência, faz-se necessária novamente uma reflexão a respeito do papel da imagem em cada uma das versões da reportagem, em consonância com os possíveis percursos de leitura do observador. Tendo



em vista que, conforme Carvalho (2012), é o grau de saliência que marca a trajetória de leitura da página, a versão impressa tende a direcionar o leitor para uma leitura não linear a partir da imagem, já que é o elemento em primeiro plano e mais salientado, tanto em cores quanto em tamanho. Vê-se que, nas duas versões analisadas – impressa e digital – o que mais se destaca é o aspecto composicional: ele é que irá, possivelmente, levar o leitor a ter uma relação diferenciada com o conteúdo. O percurso de leitura da versão digital talvez não seja igual ao da versão impressa, em se tratando de imagem, já que, como pode ser observado, ela é acentuadamente menor e tem menos destaque no meio digital. Tal fato pode desencadear uma condução mais linear por parte do leitor: primeiro a leitura do texto e, em seguida, a contemplação da imagem.

Em termos de valor da informação, a Figura 4 demonstra que, esquematicamente, a versão digital apresenta sempre a dica/orientação em primeiro plano e, em seguida, a imagem, em tamanho reduzido. Tem-se o texto “1- Alimente-se com consciência”, com um entretítulo “Atenção ao comer”, onde são enumerados alguns tópicos destacados em negrito e, logo após, a imagem. A Figura 5, com a dica “2- Envolve a família na cozinha”, seguida do entretítulo “Tem tarefa para todas as idades” apresenta-se sem imagem e com um fundo branco para diferenciá-la da anterior/posterior. Destaque para o fato de que, na versão impressa, dicas 1 e 2 são dispostas em uma mesma página dupla, com o alinhamento da imagem ao centro, salientada, como um núcleo da informação – demarcação **Centro-Margem**.

Dessa forma, pode-se afirmar que, na versão digital, prevalece a demarcação polarizada vertical **Ideal-Real**, na qual o **Ideal**, o texto, é a informação que pode ser concretizada, com cunho emotivo para o leitor, a



mais salientada. Já o **Real** é a imagem, a qual mostra o mundo real, isto é, está representada por um prato conectado a um cabo, duas pessoas se movimentando e um celular ao redor da mesa, simbolizando a conexão mais intensa com o mundo virtual em tempos de pandemia, inclusive no horário das refeições. De fato, o que se comunica por meio do texto, no campo do **Ideal** (parte superior) é a mensagem de que é preciso se alimentar com consciência, ter atenção ao comer e deixar o celular desligado: “A única conexão válida nesse instante é com a comida”, afirma a reportagem. Conforme esclarecem Kress e Van Leeuwen (2006), quando a mensagem textual está no patamar superior e a imagem encontra-se abaixo, o texto terá função ideológica como protagonista da composição, como é o caso do trecho analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo principal realizar um estudo comparativo entre as versões digital e impressa da reportagem *Reconecte-se com a comida*, da revista *Veja Saúde*. Para a análise, foram levados em consideração os pressupostos teóricos da Gramática do Design Visual, à luz dos significados composicionais. Desse modo, elencou-se cada um dos sistemas representativos: valor da informação, enquadramento (ou moldura) e saliência. Foi possível, por intermédio comparativo, perceber as diferenças na apresentação visual das duas versões apontadas, a partir da teoria selecionada.

O estudo demonstrou que a composição pode interferir, sim, na leitura do observador, tendo em vista o meio de veiculação da informação. Dessa forma, pôde-se comprovar a hipótese inicial, uma vez que a trajetória de leitura do espectador, de certa forma, é direcionada pelo uso que se faz, sobretudo, das saliências, da moldura e do valor da informação no decorrer



das composições impressa e digital. Ressalta-se o papel fundamental que a imagem representa na análise e na interpretação dos dados. Ao produtor, cabe selecionar o ordenamento dos conteúdos de acordo com suas intenções; ao leitor, cabe fazer suas escolhas, definir seu caminho próprio de leitura e suas interpretações.

Neste artigo cabe uma reflexão sobre as possíveis percepções e relações do leitor com o texto, diante da análise realizada. Enquanto a versão digital tende a uma leitura linear, a versão impressa aponta para uma sequência não linear. Isso implica sugerir que a leitura da reportagem em questão no meio digital pode ser, para alguns, menos prática e motivadora. Ao passo que a impressa possibilita mais liberdade de escolha para iniciar a leitura: como os elementos estão desconectados, o leitor pode realizar uma leitura mais rápida ou, ainda, selecionar o que quer visualizar e o que quer ler (a imagem e/ou os conteúdos disponibilizados nos quadros). A análise composicional permite, dessa forma, que sejam avaliados os possíveis percursos de leitura do observador. O que chama mais atenção é justamente aquilo que será, primeiramente, apreendido. Conforme pontua Verde (2017), textos lineares e não lineares, entendidos como modos de leitura, serão responsáveis pela apreensão de significados por parte do leitor. Significados estes que podem variar ou não conforme o meio de veiculação (impresso/digital).

Outro ponto que requer atenção é que, em uma versão digital, o leitor poderia, em tese, ter mais possibilidade de percursos de leitura em comparação à versão impressa. Vê-se, nesta pesquisa e na reportagem analisada, tendência justamente para o oposto: os elementos contidos na versão impressa estão dispostos de tal forma que geram mais autonomia de escolha para o leitor, já que percorrem um caminho não linear. O impresso poderia, então, trazer



mais liberdade de escolha? Esta é uma alternativa que pode ser validada com um estudo sobre as interpretações oriundas da visualização das duas versões da mesma reportagem por um grupo específico de leitores.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, F. F. **Semiótica social e imprensa**: o layout da primeira página de jornais portugueses sob o enfoque analítico da gramática visual. 2012. 286 f. Tese (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. London: Routledge, 2014.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London, New York: Routledge, 2006.

MANARINI, T. “Reconecte-se com a comida”. **Veja Saúde**, São Paulo, edição 459, p.24-35, set., 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/especiais/reconecte-se-com-a-comida/>>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SANTOS, D. F. **Discurso e as eleições presidenciais de 2014**: manifestação dos *ethé* nas capas das revistas *Época*, *Isto É* e *Veja* à luz da Semiologia e da Gramática do Design Visual. 2017. 212 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

VERDE, D. M. C. R. **Gêneros textuais e infografia**: a busca por novas perspectivas de ensino e aprendizagem de competências e habilidades para leitura de textos verbo-visuais. 2017. 254 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

